

O projeto de transvaloração de todos os valores na filosofia de Nietzsche

O projeto de transvaloração de todos os valores na filosofia de Nietzsche
The project of transvaluation of all values in the philosophy of Nietzsche

Túlio Tibério Quirino de Medeiros
Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ/Bolsista CAPES

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste em expor e examinar a noção de *transvaloração*, que já comparece de forma embrionária em *O nascimento da tragédia (Die Geburt der Tragödie)*, de 1871, e que se desdobra na assim denominada obra de maturidade de Nietzsche. Por conseguinte, o trabalho assinala em que medida ele pretende esboçar e reunir condições a partir das quais seja possível superar o niilismo a partir de um contramovimento por ele designado de *transvaloração de todos os valores* (Umwertung aller Werte). Tal noção encerra o projeto último da inteligência de Nietzsche, expresso pela radicalidade de seu pensamento: operar mudanças estruturais na percepção da tarefa crítica dos legisladores do futuro considerando um conceito central de sua filosofia: *a vontade de poder* (der Wille zur Macht). Palavras-chave: decadência – moral – niilismo – transvaloração – vontade de poder.

ABSTRACT: The purpose of this work consists in exposing and examining the notion of transvaluation, which already appears in an embryonic form at *The Birth of Tragedy (Die Geburt der Tragödie)*, dated 1871, and that unfolds on to the so-called mature work of Nietzsche. Therefore, the paper points out in what measure he intends to sketch and gather the requirements from which it becomes possible to overcome nihilism through a countermovement designated by him as *transvaluation of all values* (Umwertung aller Werte). This notion is contained at the ultimate project of Nietzsche's intelligence expressed by the radicalism of his thought: to operate structural changes on the perception of the critical task of the legislators of the future considering a central concept of his philosophy: *the will to power* (der Wille zur Macht).

Key-words: decay - moral - nihilism - transvaluation - will to power.

Nosso propósito neste trabalho consiste em assinalar algumas breves considerações a respeito do projeto último da inteligência de Nietzsche, a saber, o projeto de *transvaloração de todos os valores* (Umwertung aller Werte). Este projeto apresenta-se como a meta e a aposta nietzscheana propriamente ditas no sentido de promover a superação dos valores decadentes, ou, numa palavra, o *niilismo* (Nihilismus).

Pois bem, para abordarmos o entendimento de Nietzsche e seu combate ao que designa por “decadência” faz-se mister avaliar como o referido filósofo compreende “vida” (Leben), compreensão esta que vai ao encontro de sua crítica radical aos questionáveis valores morais da tradição judaico-cristã – que ele designa como uma perspectiva geradora de valores “decadentes” que influencia vários domínios da expressão espiritual

humana, ainda vigentes no âmbito da arte, da filosofia e das ciências – para, então, uma vez identificado o sentido e o alcance polêmico de tais críticas, passarmos a analisar os pontos mais significativos que compõe a tentativa de transvaloração de todos os valores enquanto projeto de superação valorativa. Ademais, para a compreensão legítima de tal projeto faz-se necessário abordar em linhas gerais aquele conceito que é considerado pelo próprio Nietzsche como sendo a pedra fundamental de sua filosofia – o conceito de *vontade de poder* (der Wille zur Macht) –, que pretendemos assinalar como decisivo para a compreensão do referido projeto. Assim, este trabalho consiste na tentativa de expor e examinar a noção de *transvaloração*, que já comparece de forma embrionária em *O nascimento da tragédia* (*Die Geburt der Tragödie*), de 1871, e que se desdobra na assim denominada obra de maturidade de Nietzsche. Por conseguinte, o trabalho assinala em que medida ele pretende esboçar e reunir condições a partir das quais seja possível superar o niilismo a partir de um contramovimento por ele designado de *transvaloração de todos os valores*. Tal noção encerra o projeto último da inteligência de Nietzsche, expresso pela radicalidade de seu pensamento: operar mudanças estruturais na percepção da tarefa crítica dos legisladores do futuro considerando um conceito central de sua filosofia: a *vontade de poder*. Ora, para compreendermos as raízes do niilismo europeu, inicialmente destacamos um texto do apóstolo João – “o apóstolo do amor”, como ficara conhecido –, o qual reza:

Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. (BIBLIA SAGRADA, 1ª Epístola de João, 2:15-17)¹.

A palavra central e o alvo do juízo crítico de João é o ‘mundo’. Na sua ótica, ‘mundo’ é o *locus*, a dimensão na qual tudo é efêmero e imperfeito. Sendo assim, não é digna de apego, de valorização e, portanto, necessita ser “corrigida” a partir de uma dietética própria. Na visão ascético-religiosa do conjunto de crenças que integram a tradição moral judaico-cristã, o mundo é o lugar propício para a expressão inaudita do “pecado”, das transgressões e

¹ João assinala para não “amarmos” o mundo, isto é, não idolatrar o mundo do que se considera como fruto do pecado. ‘Mundo’, enquanto obra de criação divina do mundo, conforme outros textos das *Sagradas Escrituras*, ocupa um lugar hierarquicamente inferior ao seu criador, isto é, Deus. Para Nietzsche, “pecado” não passa de um efeito imaginário decorrente causa imaginária. Cf. NIETZSCHE, F. *O Anticristo*, § 15.

 O projeto de transvaloração de todos os valores na filosofia de Nietzsche

iniquidades – os pecados – que devem ser combatidas pelo homem que deseje ir ao encontro com o ente transcendente, o Deus criador de todas as coisas. Ora, o nosso propósito consiste em justamente mostrar em que medida este modo de conceber mundo representa um distanciamento radical do tipo de filosofia/pensamento/valores expresso por Nietzsche, o qual compreende ‘mundo’ como vontade de poder. Como atesta numerosos textos, a ‘experiência’ de Nietzsche relaciona-se a problematização dos valores sagrados. Ele traz para o campo da Filosofia aquilo que para ele próprio constituiu uma experiência vital, em termos daquilo que tradicionalmente se denomina como estados e antípodas dos organismos, como, por exemplo, o binômio saúde-doença. Serve-se de uma experiência pessoal e eleva-a de modo a poder pensar aquilo que ele mesmo considera de suma importância, a saber, a questão do *valor* (Wert) dos valores morais. Tendo avaliado sua ascendência genética e as condições em que sua saúde oscilava, durante sua experiência de convalescença afirma em sua autobiografia aquilo que nos servirá como ponto inicial de investigação: a noção de *decadência*. Dentre algumas possíveis significações do termo “decadência”, podemos listar algumas, a saber: “abatimento” “declínio”, “decaimento”, “descida”, “queda”, “empobrecimento”, “enfraquecimento”. Na concepção da filosofia de Nietzsche, a decadência está associada à noção de *esgotamento* (Erschöpfung). Esta, por sua vez, manifesta-se como a diminuição e depressão da *vontade de poder*, uma perda avaliável de força no sentido fundamental de que, segundo ele, até hoje a humanidade confundiu “causas” com “consequências.”

(...) A *décadence* mesma não é nada que se deva combater: ela é absolutamente necessária e própria de cada povo e de cada época. O que se [deve] combater com toda a força é a passagem do contágio para as partes saudáveis do organismo. É isso que se faz? Faz-se o *contrário*. – Justamente por isso é que há tanto esforço para o lado da *humanidade* (Humanität). Como se relacionam com essa questão *biológica* fundamental os valores *mais altos* de até hoje? A filosofia, a religião, a moral, a arte etc. A cura: por exemplo, o *militarismo*, desde Napoleão, que via na civilização a sua inimiga natural...(NIETZSCHE, F., *A Vontade de Poder*, § 41: p.44).

O âmbito da avaliação de Nietzsche está relacionado a um fenômeno grandioso – o niilismo. Isto se dá nas grandes massas, com exceção do que ele considera como sendo os tipos singulares. Na nossa leitura de Nietzsche, propomos que o filósofo segue um determinado percurso que visa diagnosticar todas as figuras do niilismo europeu até alcançar a meta imanente oriundo de um supremo esforço de pensamento a partir do ensaio de transvaloração de todos os valores. É, pois, a respeito disto e a partir disto, da decadência, que o filósofo propõe uma inversão no modo segundo o qual se poderia avaliar os fenômenos – e, dentre estes, os valores morais –, passando a avaliação estar assentada numa operação de *deslocamento de perspectivas* (*Perspektiven umzustellen*) de valor. Nietzsche declara:

A partir da óptica do doente, olhar para os conceitos e valores *mais sadios* e, inversamente, da plenitude e certeza da vida *rica*, olhar para baixo e ver o secreto

 O projeto de transvaloração de todos os valores na filosofia de Nietzsche

labor do instinto de *décadence* – esse foi o meu mais longo exercício, minha experiência propriamente dita, e, se é que em algo, foi nisso que me tornei mestre. Está agora em minha mão – e tenho mão para isso – *transtrocando perspectivas*: primeira razão pela qual para mim somente, talvez, é possível em geral uma transvaloração dos valores. (NIETZSCHE, F., ‘Por que sou tão sábio’ in *Ecce Homo*: § 1: p.370).

Vamos nos aproximar o máximo possível desta declaração de Nietzsche e interpelá-la. Esta incomum declaração, escrita em 1888, em *Ecce Homo*, não colocaria talvez, de início, em suspenso a própria possibilidade de consecução deste projeto de *transvaloração*? De modo radical, “transtrocando perspectivas” enquanto primeira razão exigida pelo filósofo ao menos não dá margem à incerteza em relação às próprias possibilidades do autor deste projeto? Se é incerto, como efetivamente levar a cabo tal tarefa? Caso seja possível, a partir de que elementos e de que modo tal tarefa pode ser levada a termo? Diante destas questões incontornáveis e que não se deixam silenciar visamos, em primeiro lugar, tentar elucidar a significação do que entende o próprio Nietzsche a respeito do que designa como sendo a “transvaloração de todos os valores”. Relembremos que, em anos anteriores, em 1886, no escrito polêmico *Para a Genealogia da Moral (Zur Genealogie der Moral)*, Nietzsche exortava que todas as ciências – e dentre elas a Etimologia, a Fisiologia e a Medicina – deveriam auxiliar a preparação do caminho a partir do qual o filósofo do futuro deveria resolver o problema do *valor* dos valores morais, após a efetivação da crítica aos mesmos e, por conseguinte, determinar a *hierarquia dos valores*.

A leitura e a interpretação realizada por Nietzsche vai na direção da crítica aos valores da moral judaico-cristã, que ele já vê significativa semelhança com aquele outro fenômeno posterior que se deu na Grécia Clássica e no desenvolvimento histórico do platonismo. Conforme Nietzsche, o que está em jogo na interpretação moral-cristã é a difamação do mundo sensível. Tal como ele assinala, “quando o centro de gravidade da vida se põe, não na vida, mas no “Além” – *no nada* –, tira-se em geral à vida o centro de gravidade.” (NIETZSCHE, F., *O Anticristo*: § 43: p.64-65). Em comparação com a supracitada passagem textual do apóstolo João, podemos constatar que ela prescreve uma forma de vida em contraposição à toda dietética que prescinde de um além-mundo redentor e, outrossim, da

vida eterna oriunda de um processo contínuo legitimadas num conjunto de práticas de abnegação (abstinência sexual², formas específicas de prática sexual, jejum, orações, pregação moral, confissão, *sacrificatio del intellecto*, etc)³ e onde há o ressentimento em escala inaudita, pois, como declara Nietzsche não podemos esquecer que “cristão é o ódio contra o espírito, contra o orgulho, a coragem, a liberdade, a *libertinage* do espírito; cristão é o ódio contra os sentidos, contra a alegria dos sentidos, contra a alegria em geral (...)” (NIETZSCHE, F., *O Anticristo*, § 21: p.35). Mas, através da figura de Zarathustra temos um horizonte de compreensão do projeto de transvaloração de todos os valores de Nietzsche, o qual consiste numa visão trágico-dionisíaca do mundo, segundo a qual a vida deve ser afirmada, isto é, a vida como valor maior que inclui suas circunstâncias mais terríveis.⁴ Porquanto, trata-se do texto de Nietzsche que expressa a sua “filosofia do Sim”, do elemento fundamental na tentativa de superação daquilo que diagnosticara como sendo o fenômeno do *niilismo*, a saber, em seu aspecto essencial, como sendo a manifestação de uma “radical recusa de valor, sentido, desejabilidade.” (NIETZSCHE, F., “Sobre o niilismo”: Secção A: § 12: p.379). Em consequência disto, diagnostica que “o sentimento da *ausência de valor* foi alvejado, quando se compreendeu que nem com o conceito “*fim*”, nem com o conceito “*unidade*”, nem com o conceito “*verdade*” se pode interpretar o caráter global da existência.” (NIETZSCHE, F., “Sobre o Niilismo”: Secção A: §12: p.381).

Em função do que até agora foi dito, torna-se possível assinalar três considerações capitais de Nietzsche que visam esclarecer o fenômeno do niilismo, ou seja: (i) não interpretar a natureza como uma prova da bondade

² Relembremos o Artigo 4º. da “Lei contra o Cristianismo”, onde podemos ler: “A pregação da castidade é uma incitação pública à antinatureza. Todo o desprezo da vida sexual, toda a sua infecção mediante o conceito de “impuro”, é o genuíno pecado contra o espírito santo da vida.” Cf. NIETZSCHE, F. *O Anticristo*, p.105.

³ A este respeito, podemos compulsar na Torá, por exemplo, os juízos de condenação a certas práticas sexuais. Um exemplo emblemático se dá na narrativa de acontecimentos em que a divindade fustiga as cidades Sodoma e Gomorra, conhecidas por suas supostas iniquidades.

⁴ “O prazer da embriaguez, da astúcia, da vingança, da inveja, da injúria, da obscenidade – tudo isso foi reconhecido pelo grego como humano e, por conseguinte, integrado no edifício da sociedade e dos costumes. A sabedoria de suas instituições repousa sobre a ausência de distinção entre bem e mal, negro e branco. A natureza, tal como ela se mostra, não é renegada, mas integrada, limitada aos cultos e aos dias precisos (...) Procurava-se para as forças da natureza uma descarga à sua medida e não uma destruição ou uma denegação.” Cf. NIETZSCHE, F. *Considerações Extemporâneas* (III-IV).

e custódia divinas; (ii) não interpretar a história em honra de uma razão divina como testemunho de uma ordenação ética do mundo com intenções finais éticas; (iii) não interpretar as próprias vivências como se tudo fosse providência, aviso, ajustamento para a salvação e por amor à alma. Nesse sentido, somos afins a arguta interpretação de Gilles Deleuze quando assinala que “*nihil*, em niilismo, significa a negação como qualidade da vontade de poder. Em seu primeiro sentido e em seu fundamento, niilismo significa portanto: valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, vontade de nada que se exprime nesses valores superiores.” (DELEUZE, G., *Nietzsche e a filosofia*, p.123). Em função do que até agora foi dito, podemos depreender o porquê de Nietzsche pensar que justamente o problema da *constituição* dos valores é fundamental para sua obra. Atesta esse juízo a seguinte afirmação, datada de 1888, segundo a qual, a partir dessa compreensão, ele reconhece sua tarefa propriamente dita:

Minha tarefa de preparar para a humanidade um instante de suprema tomada de reconhecimento de si (Selbstbesinnung), *um grande meio dia*, em que ela olhe para trás e para adiante, em que ela escape ao domínio do acaso e do sacerdote e coloque a questão do por quê?, do para quê?, pela primeira vez como *um todo* – essa tarefa resulta necessariamente da compreensão de que a humanidade não segue por si só o caminho reto, que não é regida divinamente, que na verdade, sob as suas mais sagradas noções de valor, foi o instinto de negação, de degeneração, o instinto de *décadence* que governou sedutoramente. A questão da origem dos valores morais é para mim, portanto, uma questão de *primeira ordem, porque condiciona o futuro da humanidade*. (NIETZSCHE, F., *Ecce Homo*, “Aurora”, p.115-116).

Portanto, é em função da reflexão acerca da experiência dos valores da tradição cultural européia que Nietzsche assinala o advento do *niilismo*. Se, com a filosofia de Schopenhauer a razão alcançara o pessimismo, temos agora uma potencialização deste, isto é, o niilismo, ou, ao menos, uma de suas várias figuras, ou ainda, numa expressão: o *pathos* do “em vão.” Nietzsche compreende o niilismo, pois, como necessário para que haja a possibilidade da tarefa de *transvaloração de todos os valores*, ao declarar que há uma íntima relação entre niilismo e transvaloração, pois adverte:

Que não haja disputas sobre o sentido do título com o qual este evangelho-do-futuro quer ser chamado. “*A vontade de poder*. Tentativa de uma transvaloração de todos

 O projeto de transvaloração de todos os valores na filosofia de Nietzsche

os valores” – com essa fórmula é expresso um *contra-movimento*, no que toca ao princípio e à tarefa: um movimento que substituirá em algum futuro aquele niilismo consumado; mas que, todavia, o pressupõe, lógica e psicologicamente, que tão somente pode vir *sobre ele e a partir dele* (*auf ihn und aus ihm*). Pois por que o advento do niilismo é doravante *necessário*? Porque nossos valores até agora são aqueles mesmos que o acarretam como a sua última conseqüência; porque o niilismo é a lógica de nossos grandes valores e ideais pensada até o fim, – porque nós primeiro tivemos que vivenciar o niilismo para descobrir, ver por trás o que era propriamente o *valor* destes “valores”... Teremos necessidade, algum dia, de novos valores... (NIETZSCHE, F., “Prefácio” in *A Vontade de Poder*, p.24).

O princípio deste contramovimento é a própria vontade de poder, sendo a tarefa justamente a transvaloração de todos os valores. Ora, se a transvaloração de todos os valores pressupõe lógica e psicologicamente o “niilismo consumado”, parece resultar claro que todas as tentativas de “mascarar” o niilismo têm, em contrapartida, sua exacerbação. Daí Nietzsche declarar que: “É um auto-engano dos filósofos e moralistas pensar que já saem da *décadence* ao fazerem guerra contra ela. O sair está fora de sua força: mesmo aquilo que escolhem como remédio, como salvação, é apenas, outra vez, uma expressão de *décadence* – eles *alteram* sua expressão, não a eliminam propriamente [...]” (NIETZSCHE, F., *Crepúsculo dos Ídolos*: § 11: p.330). E isto justamente é uma conseqüência do não enfrentamento de todo o conjunto de problemas que encerra o niilismo. De acordo com Nietzsche, por um lado, isto radica na interpretação moral-cristã de mundo e, por outro, na crença nas categorias da razão. Na história do niilismo europeu estes dois aspectos se entrecruzam e são interdependentes. Se há tentativas de impedir o agravamento do niilismo tanto mais distante estará a meta de efetivamente transvalorar todos os valores – de todos os valores conhecidos até então. Conforme Deleuze, “a crítica dos valores conhecidos até esse dia só será uma crítica radical e absoluta, que exclua todos os compromissos, se for conduzida em nome de uma transmutação, a partir de uma transmutação. A transmutação seria então um niilismo acabado, porque daria a crítica dos valores uma forma acabada, “totalizadora.” (DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*, p.144). Nesse sentido, a partir da declaração de Nietzsche acima exposta, discordamos deste intérprete pois, ao que nos parece, o texto de Nietzsche indica que é justamente a experiência do niilismo, levada às suas últimas conseqüências, que precipita o contramovimento por ele denominado de transvaloração, enquanto signo da vontade de poder. Se Nietzsche empreende uma crítica aos valores conhecidos, isto não implica dizer, como

conseqüência necessária, que a própria tarefa crítica chegue a um termo final. Ademais, se a transvaloração – enquanto projeto crítico –, caracteriza-se essencialmente por ser uma qualidade da vontade de poder enquanto afirmação, em que medida nela poderia operar o elemento fundamental do niilismo que é justamente a qualidade negativa da vontade de poder, “o poder do negativo”? A resposta a esta questão é que, justamente para a tarefa de afirmação, pressupõe-se como condição a tarefa de destruição, de negação/destruição ativa. O próprio Nietzsche declarou na obra *Para além de bem e mal: prelúdio a uma filosofia do futuro (Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft)*, numa obra que fora posterior a *Assim falou Zaratustra (Also Sprach Zarathustra)*: “Depois de resolvida a parte de minha tarefa que diz Sim, era a vez da sua metade que diz Não, que *faz o Não*: a transvaloração mesma dos valores existentes, a grande guerra – a conjuração do dia da decisão. Nisto está incluído o lento olhar em volta, a busca de seres afins, daqueles que de sua força me estendessem a mão para a obra de destruição.” (NIETZSCHE, F., “Para além de bem e mal” in *Ecce Homo*: § 1: p.136).

Ora, o que impera na doutrina de Nietzsche é a vontade de poder. Se viermos a questionar acerca do que é a vontade de poder, Nietzsche nos dirá que este é o caráter do mundo; e que mundo é vontade de poder. “Vida é vontade de poder”⁵ e a vida, em toda a multiplicidade que a comporta, é regida por dinâmicas de relações de forças, como caso singular da vontade de poder. Em suma, a vontade de poder, por sua própria “essência”, anseia por mais poder e, precisamente neste sentido, sempre haverá embate. Se é assim, não há como finalizar a tarefa crítica dos valores, uma vez que novos valores – hoje desconhecidos valores – estarão em embate⁶, pois, tal como ajuíza Nietzsche “tudo o que ocorre, todo movimento, todo vir-a-ser como um constatar de relações de graus e de forças, são como um combate.”⁷ Se na perspectiva de Nietzsche há uma luta travada contra a moral cristã e os valores que vão de encontro a ela, o que garante que posteriormente não haverá um pluralismo agonístico, com novos conflitos e novas mutações/configurações da vontade de poder que anseiem apropriação,

⁵ NIETZSCHE, F., KSA, IX 2 [190].

⁶ Nesse sentido, concordamos com a leitura de Michel Harr, quando os diz: “A natureza inteira é vontade de potência. Donde uma reabilitação da natureza inorgânica face à vida. Todo corpo, todo átomo estende sua força, sua ação tão longe quanto pode.” Cf. HARR, Michel. “Vida e totalidade natural” in *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Vol. 5, 1998, p.13-37.

⁷ NIETZSCHE, F., KSA, XII [(65) 9 (91)].

exploração, poder, ou, numa palavra, domínio? Novos valores, ainda hoje desconhecidos, lançam a tarefa aos filósofos do futuro em promover uma nova hierarquia de valores, mas isto não quer dizer uma definitiva hierarquia – e nem poderia sê-lo. Diante do exposto, talvez resulte claro que não nos parece que haja a possibilidade de totalizar e finalizar a tarefa crítica como supõe Deleuze.

Em suma, gostaríamos de sugerir que o projeto de *transvaloração de todos os valores*⁸ não parece ser algo dirigido ao curioso grande público. Atesta isto a declaração de Nietzsche, na última parte que compõe o livro *Ecce Homo*: “Não quero “crentes”, eu penso, eu creio ser demasiado malicioso para crer em mim mesmo...nunca me dirijo às massas [...] – a verdade fala em mim.” (NIETZSCHE, F., *Ecce Homo*: § 1: p.150). Mas, se é mesmo assim, como pode ser a transvaloração um ato de suprema autognose dirigido a humanidade, tal como Nietzsche o exprime em *Ecce Homo*? Entretanto, Nietzsche concebe a humanidade a partir de seu critério de força, de reunião e compactação de forças que integram o além-do-homem, aquele cuja meta é a superação dos valores decadentes que maculam a própria vida em todo o seu poder de afirmação. Assim compreendido, dissolve-se uma possível contradição que poderia minimizar ou menosprezar seu projeto.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Org. Kenneth Barker e D. Burdick. São Paulo: Editora Vida, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1961.

_____, *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. 3Rio, 1976.

HAAR, Michel. “Vida e totalidade natural” in *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Vol. 5, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Holzwege*. Vittorio Klostermann-Frankfurt am Main, 1977.

⁸ Nas palavras de Machado, o projeto de *transvaloração de todos os valores* “significa a mudança do princípio de avaliação e, por conseguinte, a vitória da vontade afirmativa de poder, da superabundância de vida, sobre os valores dominantes do niilismo.” (Cf. MACHADO, R. *Nietzsche a verdade*, p.89). Entretanto, o autor não explora as razões a partir das quais pode-se explicitar como se dá a possibilidade desta mudança do princípio de avaliação, nisto acompanhando a interpretação de Gilles Deleuze. Ademais, o referido autor não opera um questionamento desta interpretação, mas apenas subscreve-a.

O projeto de transvaloração de todos os valores na filosofia de Nietzsche

- _____. *Nietzsche*. Vittorio Klostermann-Frankfurt am Main, 1960.
- MACHADO, Roberto. Nietzsche e a verdade. Rio de Janeiro:Ed. Graal, 1986.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Mortinari. Berlin: Walter de Gruyter & Co.,1988, 15 Bände.
- _____. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Mário da Silva. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.
- _____. *Der Wille zur Macht*. Sämtliche Werke. Alfred Kröner Verlag Stuttgart, 1964.
- _____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1985.
- _____. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *O Anticristo*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.
- _____. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *A Vontade de Poder*. Trad. de Marcos Sinesio Pereira Fernandes e Francisco Jose Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2008.